



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A CONSTRUÇÃO DE NOVAS REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE
FAVELADA A PARTIR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: UM ESTUDO DE
CASO DO “CAMINHO MELHOR JOVEM”**

Patrícia Pizzigatti Klein*

Este trabalho realiza uma análise dos discursos textuais sobre a juventude favelada produzidos pelo Programa “Caminho Melhor Jovem”, política pública realizada pela Secretária de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e atualmente com ações em seis favelas: Mangueiras, Cidade de Deus, Borel, Formiga, Complexo da Maré e Complexo da Penha. Por meio de um recorte das mídias digitais *facebook*, *instagram* e *site* oficiais do Programa busca-se analisar como os discursos oficiais do projeto representam a juventude favelada.

Apresentamos o cenário em que programas e projetos sociais e culturais estão inseridos para em seguida iniciarmos um diálogo com a comunicação. Entendemos que os discursos do Programa estudado apresentam um jovem com diversas possibilidades na sua vida, busca promover o empoderamento do jovem favelado, a afirmação da sua identidade afirmando valores sociais ao mesmo tempo que, por vezes, são reducionistas ao promoverem mais propaganda e divulgação do que política; ao terem um discurso mais sedutor e ingênuo que afirmativo e propositivo.

* Mestranda em Educação, Cultura e Comunicação pelo PPGECC-UERJ

REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS

A atual representação social existente sobre a favela é ainda dependente das primeiras representações dela no início do século XX, nas quais eram vistas como problema e doença social a ser resolvido e os seus moradores vistos como sujos, mal cuidados, doentes, vagabundos, preguiçosos e potenciais criminosos. Segundo Valladares (2005) “especificidade”, “homogeneidade” e “pobreza” são dogmas que estão nos discursos de pesquisas e políticas que falam da favela como excêntrica, igual e escassez econômica.

Tais representações de lugar e povo inferior indicam a estigmatização destes por grupos hegemônicos. Para Goffman (1998), a sociedade estabelece categorias de normatização das identidades sociais e de como o outro deveria ser. A favela, como espaço marginalizado, tem o estigma construído historicamente como fora do padrão de normalidade de outros espaços urbanos e o favelado é o “indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Ibid, p. 4). Dos três tipos de estigmas enumerados pelo autor (abominação do corpo; culpas do caráter individual e; tribais de raça, nação e linhagem), o pobre que é negro e morador de favela aparece frequentemente nestas duas últimas categorias.

Os grupos excluídos são vistos como anômicos pelos estabelecidos. A favela e os seus moradores foram e ainda são vistos como território sem lei ou regidos pelas leis dos bandidos. Elias e Scotson, (2000, p. 28) dizem que “os outsiders vivenciam a sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana”. Essa construção, inculcada em muitos moradores das favelas desde crianças, os fazem sentirem-se inferiores a outros cidadãos do resto da cidade, como se eles possuíssem menos direitos que outros. É a “discriminação por endereço”, descrita por Novaes (2006)

“certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia - chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. (NOVAES, 2006, p. 106)

As notícias e estatísticas apresentam que a juventude favelada é um grupo minoritário alvo de ações violentas da polícia militar, pelos atos de resistência (quando

não há investigação sobre mortes pela polícia em sua defesa) e do descaso de serviços públicos de saúde, educação, cultura e lazer de qualidades.

Facina (2010) diz que passamos por uma política de extermínio de jovens pobres e negros moradores de favelas e periferias urbanas, no qual passam por discriminações as suas práticas culturais e identitárias, como gostar de funk, hip-hop, rap ou qualquer outro estilo musical, assumir o cabelo afro e vestir-se da maneira que quiser. Os jovens são percebidos e tratados como possíveis criminosos corroborando com o preconceito a eles (MACHADO DA SILVA e LEITE, 2008). Neste sentido, Fernandes (2013) também percebe duas visões sobre a juventude produzidas por moradores de favela mais velhos: uma que vitimiza-os por suas escolhas, na qual a entrada no tráfico pode ocorrer pela falta de oportunidades “melhores” e outra que culpabiliza-os, assumindo que os jovens da favela estão perdidos e sem perspectivas de outro futuro e por isso entram no tráfico. São conceituações nas quais “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande” (GOFFMAN, 1988, p. 6).

POLÍTICAS, PROGRAMAS E PROJETOS

Neste contexto, no território das favelas cariocas, as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs), programa de intervenção militar implantado a partir de 2008 pela Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, foram criadas como medida de descriminalização das favelas controladas por grupos armados e atuam com a demonstração das forças militares para coibir o tráfico de drogas e diminuir as disputas de gangues armadas. Apesar de oficialmente apresentarem um resultado de diminuição e/ou inibição criminal e da visibilidade das armas, é um programa que apresenta críticas pelo seu tratamento repressivo aos moradores e de abusos, embora pontuais (BURGOS et al, 2013), constituindo-se como uma política pública de segurança de controle agressiva que impõe forças militares e pré-criminaliza moradores, em especial os jovens do sexo masculino negros.

Hoje são 38 favelas que recebem o projeto, e 30 delas recebem o programa temporário da Prefeitura do Rio de Janeiro, o Programa Rio+Social (antes denominado UPP Social). Em vista das obrigações sociais, o programa também contempla diversos programas, projetos e ações que integram serviços municipais voltados às políticas

socioculturais com o objetivo de equiparar a oferta de serviços e equipamentos sociais públicos na favela do restante da cidade, potencializando o território da favela como espaço e lugar de direitos igualitários, produção de cultura e diversidade. (SOUZA E SILVA, 2011).

O direito à cultura, a expressão, o respeito as suas identidades culturais para todos assegurado na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002) mas a realização desse direito não contempla a cidade como um todo. Por muito tempo, a favela como um território marginalizado e à parte do “asfalto”, careceu de diversos serviços públicos e estes direitos não foram assegurados aos moradores. Apesar da riqueza em patrimônio imaterial (do samba, funk, criatividade dança do passinho), o território da favela ainda hoje carece de espaços e equipamentos culturais, muitas vezes onde projetos socioeducativos e culturais cobrem lacunas.

O Programa Rio+Social tem a autarquia Instituto Pereira Passos na coordenação, realização e gestão dos diferentes projetos municipais além de conduzir as parcerias de outros projetos que são realizados nos territórios, realizados por ONGs, OSCIPs e empresas privadas. Dentre estes projetos, muitos atuam para a juventude, como Coletivo Coca-Cola, Universidade Livre do Circo, Cinema da Gente, Agência de Redes para a Juventude e o Caminho Melhor Jovem. Tais projetos, com as suas diferentes particularidades, dedicam-se a atuação com jovens dos 15 aos 29 anos. Além disso, ambos têm na sua metodologia a educação não formal, e além de focalizarem as suas ações no desenvolvimento artístico e cultural, protagonismo, produção e criação, preparação para o mercado de trabalho e outros. Se tratando dos educativos, eles podem se dar por meio de uma pluralidade de formatos e metodologias. No ensino e capacitação de assuntos específicos, como informática, reforço escolar, linguagens artísticas (teatro, música, circo, artes visuais e plásticas, fotografia e outras) ou se utilizando destas linguagens como ferramentas para o trabalho com valores sociais, protagonismo, inserção no mercado de trabalho, expressão e etc. Na maioria dos casos, mantidos com dinheiro público através das leis de incentivo à cultura (abatimento do imposto de renda pela Lei Rouanet), estes projetos realizam relatórios sobre os resultados, objetivos alcançados qualitativos e quantitativos, possuindo formas específicas para mensurar (e às vezes até maquiar) os resultados.

São com os objetivos de comunicar as suas ações (publicizar), mas também falar diretamente com o jovem e se expressar, que projetos sociais e culturais constroem outras

representações dos jovens favelados através da própria fala de seus sujeitos envolvidos, da produção de filmes, música, audiovisual, de oficinas e atividades culturais. Tais agentes ou “novos mediadores” (ANSEL, 2012) contribuem para a produção de uma reversão de estigmas, na medida em que se fortalecem tais grupos excluídos e organizam a construção de novas representações. Rocha (2011) afirma que os projetos apresentam-se

“como espaços privilegiados de ação coletiva para jovens moradores de favelas que buscam não apenas dar visibilidade ao seu trabalho artístico, mas também que se interessam em intervir sobre o território onde moram através da divulgação de uma imagem positiva de seus moradores”. (ROCHA, 2011, p. 10)

No entanto, não são transformações espontâneas e rápidas, são disputas que se dão pela construção de novos discursos, mas que, por outro lado, também podem repetir velhos enquadramentos ao seguirem estratégias de filiação a “gramática da violência” (MACHADO DA SILVA, 2010) e ao “mercado dos projetos sociais”, assim caindo mais uma vez no “no processo de estigmatização e criminalização dos jovens favelados” (ROCHA, 2011, p. 22) ao mesmo tempo em que apresentam uma juventude criativa e produtiva culturalmente, ambos os discursos podem existir simultaneamente.

O Programa “Caminho Melhor Jovem” visa a inclusão social e oferta de oportunidades para jovens de 15 a 29 anos, moradores/as de territórios com Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Teve origem em agosto de 2013 e tem “estimativa de, em quatro anos, chegar a aproximadamente 20 territórios pacificados, atendendo a 40 mil jovens diretamente. A iniciativa também poderá ser expandida para outras localidades do estado”.

O projeto possui uma metodologia participativa de diálogo aberto, para auxiliar o jovem a construir a sua trajetória criando estratégias de “promoção de serviços e oportunidades que atendam suas demandas e contribuam para o seu desenvolvimento pessoal e profissional”. “Os/as jovens que se interessarem em participar do Caminho Melhor Jovem serão acompanhados/as individualmente por profissionais qualificados/as que irão, junto com eles/as, traçar metas de futuro e apresentar oportunidades e serviços”.

REPRESENTAÇÕES NAS MÍDIAS DIGITAIS DO CAMINHO MELHOR JOVEM

O estudo das representações fornecidas pelas mídias digitais do “Caminho Melhor Jovem” faz parte uma pesquisa maior que estuda a documentação, metodologias, dinâmicas e atividades do referido programa para compreender quais significações o projeto proporciona aos seus envolvidos, em especial aos jovens das favelas que participam do programa. Estudar tais representações é o início escolhido para entender as suas configurações, projeções e expectativas sobre esse jovem.

Para isso utilizamos da metodologia de Bardin

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 1977)

Foram escolhidas 3 “postagens” de cada mídia, sendo 3 notícias do *site*, 3 postagens do *facebook* e 3 postagens *instagram* entre junho a novembro de 2014, priorizando uma maior pluralidade temática entre elas.

As três mídias sociais dialogam entre si, criando unidade entre elas a partir da comunicação pelas cores, sobretudo o azul e o verde contidos no logotipo do “Caminho Melhor Jovem) com o rosa e laranja e o próprio conteúdo que muitas vezes se remete a outro (uma chamada no *facebook* direcionando a uma notícia do *site*). O aspecto colorido remete a um visual jovem e alegre e a diversidade de identidades, opiniões, oportunidades e caminhos.

Os conteúdos transitam principalmente entre a divulgação das ações do programa e dicas e conselhos para os participantes em uma via mútua para múltiplos receptores (jovem participante, sociedade civil e parceiros). É um diálogo multidirecionado.

NOTÍCIAS DO SITE



Fonte: www.caminhomelhorjovem.rj.gov.br / Montagem: Patrícia Klein

As notícias selecionadas foram “Eu faço meu caminho - Edilano Cavalcante”, de 04 de julho de 2014; “Articuladores do CMJ Maré visitam o Museu de Arte do Rio”, de 30 de setembro de 2014; e “Reunião da Atenção Integral com conselheiros(as)”, de 14 de outubro de 2014.

A matéria assinada por Bárbara Secco, narra a história do jovem Edilano, morador de Manguinhos, que vem de Fortaleza a procura de oportunidades de trabalho com cinema no Rio e hoje é “articulador” e “atendido” pelo CMJ e também colaborador do jornal local “Fala Manguinhos”. Questões como inspiração, perseverança e motivação ilustram a narrativa da história pessoal de sucesso: *“Um sonho. A vontade de crescer e buscar seu próprio caminho. Muitas pessoas chegam ao Rio de Janeiro buscando realizar objetivos que não conseguiriam em sua terra natal.”* (grifos meus). A notícia apresenta uma fala do jovem na qual ele ressalta a cultura local em contraposição a violência: *“A gente se surpreende que, a cada edição, temos muito mais para falar sobre a nossa cultura do que sobre violência que nos atinge”*. Por fim, o texto se encerra enfatizando mais uma vez a importância de trilhar caminhos próprios e um rumo para a vida *“Edilano faz da comunicação a sua ferramenta para articular sua vida e trilhar o seu próprio caminho”*.

A notícia “Articuladores do CMJ Maré visitam o Museu de Arte do Rio”, de 30 de setembro de 2014, sem assinatura, inicia apresentando a função do “articulador” do Programa, que é alguém que realiza o trabalho de mobilização e divulgação no território a outros jovens, ao mesmo tempo que é atendido pelas ações. Ela informa sobre a visita dos “articuladores” com o “mobilizador” ao Museu de Arte do Rio – MAR em função de

capacitação dos “articuladores” para melhorarem e inovarem as maneiras de divulgar o Programa e se capacitarem no conhecimento de diferentes linguagens artísticas. O texto apresenta que os jovens elegeram uma exposição como favorita porque retrata “*múltiplas realidades do Rio com diferentes formas de arte: pintura, escultura, vídeo e intervenções*”. Informação que pode promover a reflexão de um Rio que pode proporcionar diferentes oportunidades aos jovens.

“Reunião da Atenção Integral com conselheiros(as)”, de 14 de outubro de 2014, é uma notícia que aparentemente só objetiva divulgar o trabalho contínuo do Programa. Ilustrada por uma fotografia “não pousada” do momento da reunião, aponta algumas informações do CMJ: as equipes de “Atenção Integral”, “Supervisão Funcional” e “Conselheiros(as)”; a metodologia do atendimento individual e o trabalho colaborativo, evidenciado na fala de Talitha Vaz: “*No Caminho Melhor Jovem estamos sempre construindo juntos, desenvolvendo as metodologias. Por isso é sempre bom reunir as equipes para trocar experiências entre os profissionais de cada território*”

POSTAGENS DO FACEBOOK



Fonte: <https://www.facebook.com/CaminhoMelhorJovem>

As postagens escolhidas foram “laboratório de ideias”, de 02 de julho de 2014; “dia nacional do livro”, de 29 de outubro de 2014; e “declaração universal dos direitos humanos”, de 05 de novembro de 2014;

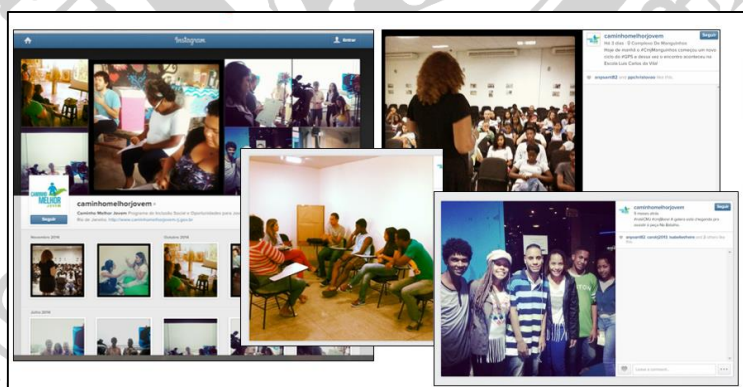
A primeira postagem convida a “galera” para participar do “laboratório de ideias”, uma formação de 3 dias que traz conhecimentos para o jovem “desenvolver um projeto irado”. A partir de um texto e uma imagem-cartaz com as datas e locais do primeiro encontro, o texto apresenta um conceito técnico de projetos que será trabalhado, o “*brainstorm*”, ou seja, uma *Chuva de Ideias* que te ajudará a pensar no que produzir

em seu território!” ao mesmo tempo que divulga o edital PAT (Plano de Autonomia Territorial).

Em 29 de outubro é feita uma homenagem ao dia nacional do livro com a postagem que busca dialogar com outros usuários a partir da pergunta “Que livro você está lendo?” e convida o jovem a “se ligar” na frase dita por Marcus Cícero, filósofo e político romano: “*Os livros são o alimento da juventude!*”

A mesma linha segue a postagem de 05 de novembro, na qual é feita um destaque da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo o homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” Informação que pode incentivar o jovem conhecer os seus direitos.

POSTAGENS DO *INSTAGRAM*



Fonte: <http://instagram.com/caminhomelhorjovem>

As três postagens são de 20 e 26 de junho de 2014; e de 06 de novembro de 2014. As duas primeiras, com fotografias de jovens, respectivamente posada e ao natural, não se explicam quem seria essa “galera” (participantes? Articuladores? Conselheiro? Mobilizador? Ambos?) mas a gíria e a foto buscam aproximar o CMJ com o expectador das postagens, bem como o próprio texto escrito da segunda postagem, que traz uma mensagem com gírias: “Papo irado com a galera do #CmjManguinhos que está cheia de energia!” e mostra como se dá o dia a dia do Programa com os jovens, bem como também a última postagem de novembro segue a mesma tendência ao mostrar o cotidiano de trabalho num “ciclo do #GPS” em uma escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos nove exemplos evidenciados para este trabalho, a análise indica que as mídias digitais do Caminho Melhor Jovem buscam mais apresentar os detalhes e desvendar informações do programa do que promoverem um diálogo com o jovem por meio delas, fato que segue uma linguagem publicitária, de divulgação e assessoria presentes em diversos projetos, fazendo-se uso dos símbolos e da fantasia publicitária, como observa LIMA (2013):

“os modos de presença da favela na comunicação persuasiva podem ser diversos e não precisam incluir necessariamente imagens da concretude desses espaços. Ao contrário do jornalismo que trabalha com fatos e narrativas sobre a realidade, a publicidade tem maior liberdade para brincar com as sensações, com a fantasia, as emoções, através da adoção de artifícios diversos, dentre os quais se destaca: o uso de símbolos variados para a construção de representações. (LIMA, 2013, p. 58)

As relações de poder passam a ser questionadas à medida em que os que antes eram considerados marginalizados começam a reivindicar os seus direitos. Nesse sentido, novos mediadores contribuem ao problematizar a sua marginalização e construir novos discursos a partir disso.

Ao ser reconhecido como minorias, no sentido qualitativo do termo, dos grupos que buscam ter voz e disputam direitos. Segundo Sodré (2005, p. 1, as minorias são “um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica”.

Junto à carência econômica e social, resta também a carência de possibilidades e uma disputa de novas representações a conquistar. Para os atores que trabalham com educação formal, nas escolas, e não formal, em projetos e programas sociais e culturais, bem como articuladores de políticas públicas, a construção de novas representações a partir dos discursos e falas oficiais pode vir a contribuir com a superação de estigmas históricos. Sendo assim é imprescindível um posicionamento do que se objetiva com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSEL, T. A. ; SILVA, J. S. E. . **Mídia e Favela: Comunicação e Democracia nas Favelas e Espaços Populares - Levantamento de Mídia Alternativa**. 2012. (Relatório de pesquisa)

Burgos, M. T. B.; CAVALCANTI, M.; BRUM, Mario Sergio; AMOROSO, M.; Pereira, L.F.A.. **O Efeito UPP na Percepção dos Moradores das Favelas**. Desigualdade & Diversidade (PUCRJ), v. 11, p. 49-97, 2013.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

FACINA, Adriana. **"Eu só quero é ser feliz"**: quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro. REVISTA EPOS (eletrônica), v. 1, p. 218, 2010.

FERNANDES, R. B. **Vítimas ou autores?** Percepções sobre a juventude e o tráfico em um conjunto de favelas 'pacificadas' no Rio de Janeiro. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso). 37º Encontro Anual da ANPOC.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

LIMA, Camila Calado. **Olimpíadas 2016 e a construção de um Novo Rio: o marketing do legado, as políticas públicas e as estratégias comunicacionais em torno das favelas e das remoções**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; LEITE, Márcia Pereira. **Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas?** In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.), Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, L. A. **"Violência Urbana"**, Segurança Pública e Favelas – o caso do Rio de Janeiro atual. Caderno CRH, Salvador, v. 32, n. 59, Maio/Agosto de 2010, pp.283-300.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias**. In: ALMEIDA, Ma. Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

ROCHA, Lia de Mattos. **Representações e autorrepresentações: notas sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos sociais de audiovisual**. Anais, GT 07, Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição, 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: BARBALHO, Alexandre e PAIVA, Raquel (orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A Invenção da Favela.** Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

